



DOSSIÊ:
GEOPOLÍTICA DO CONHECIMENTO E INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA
APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

Celia Maria Haas (GESPAG/UNICID)
Eduardo Santos (GRUPPES/UNINOVE)
Manuel Tavares (GRUPFPE/UNINOVE)

Apresentação

Os estudos sobre os modos pelos quais o conhecimento, contemporaneamente, é produzido, como é distribuído e quais seus destinos e usuários apresentam algumas constantes que vale a pena recensear, mesmo que brevemente, para fins de situar este dossiê que ora apresentamos aos leitores da Revista Triângulo.

Uma primeira constante diz respeito ao papel das universidades nos três momentos de circulação do conhecimento - na produção, na distribuição e na destinação/uso. Embora não seja a única instituição que participa desse circuito, sua presença é fundamental, seja pelo fato de produzirem conhecimento novo, por meio da pesquisa institucionalizada, mormente em seus programas de pós-graduação, seja pela sua responsabilidade como formadora de quadros técnico-profissionais que manterão em andamento tal processo produtivo, atividades que realiza por meio do trabalho de seus quadros de docentes-investigadores.

Tal labor produtivo, quando não é originalmente produzido em redes interinstitucionais, algo bastante comum nos dias de hoje, recebe imediata distribuição e potencial uso por meio de eventos científicos e acadêmicos dos mais diversos e pela sua divulgação em revistas e livros especializados, desse modo alcançando outras praças e outros pesquisadores, impulsionando a circulação de ideias e pessoas – essa uma outra constante. Fecha-se, assim, o processo de circulação, propiciado pelas universidades, desse específico insumo, para as economias e para as culturas, chamado conhecimento.

Essa função especial da universidade, atrelada ao desenvolvimento da ciência pela produção de conhecimento e pela formação de cientistas e profissionais que se encarregam de difundi-lo e aplica-lo, adquire grande relevância nas sociedades contemporâneas à medida em que o conhecimento foi se constituindo elemento diferencial da competição econômica entre empresas, países e regiões. Ele é, em uma palavra, um fator produtivo dos mais significativos,



um elemento de geração de mais-valor na cadeia de circulação do capital, ao qual se agrega e do qual passa a ser constitutivo (HARVEY, 2018). Esse processo se vê impulsionado pelas necessidades competitivas e reprodutivas do capital de se valer da ciência para desenvolver e aplicar técnicas e tecnologias ao sistema de acumulação, nesse passo gerando inovações que vão continuamente alimentar a cadeia de produção de mais-valor.

Nesse contexto, corporações econômicas de atuação global e poderes políticos que as representam – caso das agências multilaterais, não por acaso criadas por esses mesmos atores globais para ‘organizar’ a ordem mundial –, buscam promover processos de captura dos resultados da produção acadêmica, para aplica-los ao campo da produção material. Correlatamente, entende-se o porquê de muitos investigadores das temáticas vinculadas às universidades tecerem críticas ao papel de grande parte dessas instituições e nomearem a ciência que produzem ‘conhecimento matéria-prima’, ou ‘conhecimento-mercadoria’ (SILVA JR., 2018, p.e.), num movimento que pede tanto o debate sobre a relevância das instituições universitárias no atual contexto histórico quanto da produção intelectual de seus investigadores, questionando as formas e níveis de ‘engajamento’ do conhecimento que produzem à produção econômica e/ou às comunidades humanas.

Esse breve arrazoado tem animado a constituição da geopolítica do conhecimento como campo teórico cujas pesquisas propõem o estabelecimento dos nexos que relacionam os interesses e dinâmicas próprios do mundo da produção material e da formulação política aos objetivos, caminhos e especificidades da circulação do conhecimento. Tal campo se dedica a extrair as consequências, para as universidades e para o conhecimento que produzem e põem a circular, dos mecanismos que ativam constantemente a produção de mais-valor e requisitam uma sorte de conhecimento aplicado ao desenvolvimento econômico, na tensão com sua aplicação às questões sociais. As perspectivas teórico-políticas desse campo se vinculam, direta ou indiretamente, ao processo de circulação de mercadorias simbólicas (valores e saberes) e se desdobram em áreas e temáticas as mais diversas - internacionalização universitária, educação internacional, economia do conhecimento, epistemologia universitária; concentração da produção e disseminação científica em sua forma editorial; intercâmbio internacional docente e discente; diversidade de culturas internacionais e apagamento de saberes não ocidentais; modelos hegemônicos de políticas e sistemas de educação superior, e assim por diante.

No caso deste dossiê, se busca contribuir para a análise dos impactos, nas políticas e sistemas de educação superior da América Latina, das demandas e condições político-



econômicas de produção e difusão do conhecimento acadêmico, apontando dificuldades e apoios ao processo tão desejado quanto necessário de integração que historicamente se intenta promover na região. Objetiva-se, com este dossiê, contribuir para o debate acadêmico sobre a relevância contemporânea da integração acadêmica, cultural e científica no âmbito de *Nuestra América*, em particular com o concurso das instituições de educação superior. É assim que chegamos ao conjunto de textos que passamos a apresentar:

“Universidade na América Latina: fundamentos da integração e redes de conhecimento”, de Célio da Cunha, é o primeiro artigo do presente dossiê. O autor pondera que os estudos atuais sobre políticas de educação e educação comparada acentuam a importância do conhecimento e dos contextos da sua produção. Em abordagem histórica e geopolítica da produção do conhecimento reporta-se aos processos de colonização e suas implicações na ocultação-marginalização dos saberes e culturas dos povos colonizados. Nesse movimento, considera que, no contexto atual, a constituição de redes de conhecimento apresenta cenários promissores. No caso da América Latina, a experiência da *Rede de Estudos sobre Internacionalização da Educação Superior na América Latina* (Riesal) mostrou o alcance e a importância das redes acadêmicas bilaterais e multilaterais como estratégia de internacionalização com integração regional. A expansão dessa política, potencializada por redes de conhecimento, poderá ampliar o escopo da integração e mesmo a construção de uma ideia de América Latina, da mesma forma como existe uma ideia de Europa.



O segundo artigo, de Luís Claros e Manuel Tavares, “**Felipe Quispe y el retorno de la Nación Índia**”, tem por objetivo analisar outra forma de compreensão da realidade boliviana a partir de propostas indígenas e da sua ‘mundaneidade’. A partir da obra de Felipe Quispe, *Tupak Katari vive y vuelve.... Carajo*, cujo objetivo é propor uma descrição da insurgência indígena anti-colonial de 1781, que tem como protagonista Tupaj Katari, os autores pretendem mostrar uma certa continuidade entre a situação que levou Katari à revolta e as exigências de um projeto indianista e anticolonial para a Bolívia contemporânea que ponha fim às condições de exploração e opressão histórica levadas a cabo pelas elites brancas e mestiças sobre a maioria índia. E, nesse processo, ressalta a importância de qualquer política de integração no subcontinente aproximar modos de vida tradicionais, saberes ancestrais e dignificação epistemológica de saberes – em especial aqueles que não se enquadram no registro da ciência normal ocidental –, para um debate soberano sobre a desigual geopolítica do conhecimento.

O terceiro artigo, “**Educación e Interculturalidad: perspectivas teóricas y prácticas en América Latina**”, de Raoni Machado Moraes Jardim e Máncel Martínez Ramos, levanta um conjunto de questões pertinentes sobre os sentidos da interculturalidade e sua utilização no campo educativo. Os questionamentos e análises levados a cabo pelos autores situam-se no âmbito da dicotomia dominadores-dominados e dos desafios que o conceito suscita tendo em vista a decolonialidade epistêmica. Os sentidos da interculturalidade têm correspondência com o grau do chamado ‘giro epistêmico’ presente nas propostas de diferentes pensadores latino-americanos, propostas cruciais para a transformação da realidade social desigual na América Latina. Os autores consideram que é necessária uma permanente revisão crítica do conceito de interculturalidade e dos seus diferentes usos de modo a qualificar a educação intercultural, desenvolvendo reflexões e argumentos que destaquem a importância dos saberes tradicionais para espaços de educação pluriepistêmicos e intepistêmicos representativos das realidades socioculturais da América Latina e fundamentos de uma geopolítica não desigual.

Margareth Guerra discute, no quarto artigo, a “**Internacionalização da educação superior e redes de acreditação na América Latina: teias do pensar democrático.**” A questão da avaliação da qualidade da educação superior surge no contexto da sua internacionalização e transnacionalização. Isso leva a autora a tomar como exemplo as redes Riaces e Rana com o objetivo de compreender as perspectivas democráticas construídas no interior dessas redes, bem como as relações e resistências em relação a modelos de avaliação de caráter hegemônico na América Latina. No âmbito do movimento de funcionamento dessas



redes a autora identifica a dificuldade de elas se valerem de expedientes democráticos constitutivos de uma democracia forte entre seus membros, motivo pelo qual tanto definições de qualidade quanto procedimentos avaliativos tendem a sucumbir a padrões ocidentocêntricos consagrados.

O artigo **“Las mujeres universitarias de la Universidad de Córdoba y sus luchas en los movimientos estudiantiles”**, de María Cristina Vera de Flachs, é um estudo histórico sobre a presença e a participação das mulheres universitárias nos movimentos estudantis e no mercado de trabalho pela assunção de profissões historicamente masculinas, procurando reescrever a história a partir de uma perspectiva de gênero. Tomando como referência a Reforma de Córdoba, de 1918, a autora enfatiza a participação das mulheres nas lutas estudantis, nas lutas sociais e sua entrada no mercado de trabalho e na carreira universitária, tradicionalmente dominados pelo homem, para destacar a fundamental contribuição das mulheres para a constituição de fluxos mais democráticos de poderes e de saberes.

No sexto artigo, de Camila Vera Bortot e Angela Mara de Barros Lara, intitulado: **“Integração latino-americana para a Educação Infantil: em foco as políticas intersetoriais recomendadas pela Unesco”**, as autoras analisam as recomendações de políticas para a infância e a educação infantil presentes em documentos desse organismo internacional. Ademais de demonstrar a relação estreita entre tais recomendações e a difusão de construtos simbólicos de uma pretensa agenda globalmente estruturada para a educação, identifica o que seria o ‘pulo do gato’ de uma perspectiva geopolítica desigual fundada nos interesses das corporações econômicas: a legitimação de uma pretensa cultura educacional mundial comum.

“Poder, geopolítica e mobilização do conhecimento: a universidade em questão”, de Ivanise Monfredini e Ricardo Pérez Mora, é o último artigo deste dossiê. Os autores retomam alguns sentidos do conceito de geopolítica do conhecimento, particularmente no que diz respeito às lógicas de distribuição do poder e suas relações com o conhecimento. Centram-se na relação entre os setores populares e a universidade a partir do conceito de mobilização do conhecimento e de seu caráter dinâmico, defendendo, não apenas uma nova geopolítica do conhecimento que inclua os povos tradicionalmente excluídos dos mais elementares direitos, mas também novos saberes que permitam a ampliação do campo epistemológico em meio às críticas a perspectivas ocidentocêntricas e à colonialidade do poder e do conhecimento. Essas questões, referem os autores, constituem enormes desafios para as universidades contemporâneas.



Para atender às diversas abordagens possíveis do tema-mãe deste dossiê: “Geopolítica do conhecimento e integração latino-americana – aproximações teóricas”, sem a pretensão de esgota-las, o conjunto de artigos que aqui se publica discorre, como pode ser lido, sobre temáticas que relacionam o campo da geopolítica, aplicado às dinâmicas de circulação do conhecimento, e a questão histórica da integração na América Latina. O tratamento dado a essas relações nos artigos, seja a partir de dados empíricos seja com base em escrutínios teóricos, revela a emergência de questões fundamentais que desafiam as universidades no que toca a sua relevância contemporânea como instituição social e aos desafios do processo de integração na região em meio a processos de aprisionamento do conhecimento às injunções da geopolítica hegemônica.

Esperamos que seja uma fecunda contribuição para a paz, a justiça social e a justiça cognitiva na América Latina.

Organizadores do Dossiê